

INTEGRIDADE X DESESPERO: O OLHAR DA TEORIA PSICOSSOCIAL PARA A REALIDADE SUBJETIVA DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Aída Cíntia Mendes de Azevedo¹; Aldenice de Lima Silva²; Adriana Kelly da Silva Meira³;
Danilo Santos Araújo⁴; Ana Elizabeth Araujo Luna⁵

*Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: cintia.mazevedo@hotmail.com, anabethluna@hotmail.com; ald-
nice@hotmail.com; kelyymeira2@gmail.com; danilosantoaraujo@gmail.com*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a subjetividade de idosos institucionalizados acerca do passado vivido e sua atual realidade no abrigo. Tomou-se como base referencial a Teoria Psicossocial de Erik Erikson, focando em suas elaborações sobre o oitavo estágio do desenvolvimento humano, o qual diz respeito à terceira idade. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo descritiva e exploratória qualitativa mediante a aplicação de entrevistas semiestruturadas, colhendo depoimentos orais que exploram as histórias de vida e vivências dos idosos na Instituição de Longa Permanência para Idosos, Lar da Sagrada Face, situada na cidade de Lagoa Seca, PB. Além das entrevistas, foram registradas na pesquisa informações sociodemográficas a respeito dos idosos. Para a análise das entrevistas utilizou-se como método a Análise de Conteúdo de Bardin. A partir dos resultados foi possível perceber que os idosos participantes da pesquisa mostraram por meio de seus relatos que há Integridade do Ego no que diz respeito às suas histórias passadas, mas tal Integridade destoa com a realidade presente, bem como com as perspectivas futuras, havendo então a Desesperança.

Palavras-chave: Idosos, abrigo, depoimentos orais, subjetividade.

INTRODUÇÃO

No Brasil, com a conquista da Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842, considera-se idosa a pessoa com sessenta anos ou mais (Brasil, 1994). Antigamente o idoso era visto, como detentor de grande sabedoria, pessoa admirada e respeitada por todos. Com o advento do capitalismo em nossa cultura, essa visão mudou. Vale mais quem produz mais, por não se encaixar nesse perfil, o idoso passa a ser desvalorizado de forma cultural pela sociedade. A constituição da família também mudou, hoje é comum famílias estendidas, onde em um mesmo ambiente moram crianças, jovens, adultos e idosos. Aliado a essa realidade os adultos presos a suas diversas responsabilidades, trabalham, põem as crianças na creche ou escola e se encontram sem tempo para a relação e o cuidado com o idoso. Para algumas famílias o idoso

¹ Graduanda em psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande-PB.

² Graduanda em psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande-PB.

³ Graduanda em psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande-PB.

⁴ Graduando em psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande-PB.

⁵ Orientadora do trabalho. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Especialista em Direito de família pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Professora de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau de Campina Grande-PB e da Universidade Estadual da Paraíba.

torna-se um fardo difícil de encaixar na correria do dia a dia. Diante dessa realidade, a demanda por instituições que acolham idosos cresce a cada dia.

É diante desse processo de institucionalização do idoso em abrigos que este trabalho se propõe a compreender a subjetividade de idosos institucionalizados acerca do passado vivido e sua atual realidade. Teve-se como base referencial a Teoria Psicossocial de Erik Erikson a fim de analisar as possibilidades de integridade e desespero vivenciadas por estes idosos. Deste modo, foi realizada uma pesquisa de campo descritiva e exploratória junto aos idosos abrigados na Instituição de Longa Permanência para Idosos, Lar da Sagrada Face, situada na cidade de Lagoa Seca -PB, colhendo através da realização de entrevistas semi-estruturadas, depoimentos orais sobre as vivências desses sujeitos.

O IDOSO INSTITUCIONALIZADO

A velhice traz consigo muitas mudanças na vida do indivíduo. Segundo Dezan (2015), mudanças fisiológicas, psicológicas, psicossociais, econômicas, políticas, entre outras. Quando as famílias não podem ou não querem mais cuidar de seus parentes idosos eles os colocam nas Instituições de Longa Permanência Para Idosos. “O termo Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) surge para suprir o termo abrigo, casa de repouso, asilo e similares”. É considerado um sistema social organizacional, como diz Brandão; Zatt (2015 p, 92).

Ao se referir aos idosos institucionalizados, Furlan; Alvarez (2016) afirmam que alguns idosos vêm às instituições como depósitos de velhos, outros veem os colegas que também moram lá como família, afinal, é o que eles têm naquele momento de suas vidas. Muitos se sentem enganados, traídos por seus familiares, que os levaram para instituição forçados ou com a promessa que seria apenas por “um tempo”, mas que, na verdade nunca mais voltarão para lhes buscar.

Além disso, estudos demonstram que o afastamento da família causa sofrimento ao idoso, porém, quando se fala do sofrimento que o afastamento da família causa, não se trata de uma visão romantizada de família, apenas como lugar de acolhimento, amor, cuidado. Se trata de raízes, de sentimento de pertença porque a família é um meio onde se emite juízos, criam-se valores. Para Martins (2013), a família além de ocupar lugar físico, sobretudo ocupa lugar simbólico, das relações sociais, constituindo uma parte do sujeito.

Segundo Dezan (2015); “agora distante de suas famílias, os idosos institucionalizados, são membros de uma nova comunidade, já não fazem parte de determinada família, são agora membros da instituição vivem uma radical ruptura de seus vínculos relacionais afetivos”. Mesmo o ser humano sendo capaz de adaptar-se, essa transição não se dá de forma fácil, exige esforço por parte do idoso e paciência não só dele, mas também de seus novos cuidadores.

Quanto aos resultados da longa permanência na instituição, o autor supracitado ainda diz que da mesma forma, as respostas emocionais diminuem, já não há grandes motivos de alegria, algumas vezes, o que predomina é um sentimento de apatia e desesperança, diminui também a capacidade de compreensão e as atividades do pensamento, vão entrando em um quadro de inatividade em todos os sentidos. No abrigo não se sentem “em casa” porque não desenvolvem sentimento de pertença, não criam raízes, acrescentam Souza e Inácio (2017).

A TEORIA PSICOSSOCIAL E O DESENVOLVIMENTO DO IDOSO

No início do século XX os estudos da Psicanálise realizados por Freud, tiveram grande influência para a sociedade da época. Muitos foram os que buscaram compreender e aprofundar-se na teoria psicanalítica. A partir de então, a Psicanálise de Freud foi porta para o surgimento de outras teorias, como afirma Papalia; Feldman (2013).

Dentre muitas teorias que surgiram a partir de Freud destaca-se a teoria psicossocial de Erik Erikson. Erikson (1902-1994) criou a Teoria de Estágios de Desenvolvimento da Personalidade, que se divide em 8 (oito) estágios. Ele explica possíveis conflitos internos que o indivíduo sofre desde seu nascimento até fase adulta tardia (a velhice). A oitava fase da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial é chamada Integridade do ego *versus* Desespero (ou Desesperança). Nela, a chamada crise de identidade acontece com base na avaliação que o indivíduo faz a partir de tudo que ele viveu e conquistou durante sua vida. É uma espécie de avaliação final. Assim, se o indivíduo olhar para trás e desfrutar do sentimento de dever cumprido, se conseguir lidar bem com as vitórias e derrotas vividas, terá o sentimento de Integridade do ego, que é a aceitação do passado. Mas se ao olhar para trás o indivíduo sentir frustrações e arrependimentos, ele estará vivenciando o desespero, ficará desgostoso e amargurado, colocando em evidência seus arrependimentos.

Desse modo, se ao revisar sua vida, predominar no idoso a Integridade do ego, surgirá a virtude da sabedoria, como diz Schultz; Schultz² 2008. Como assegura Papalia; Feldman

(2013), os estudos de Erik Erikson são de grande importância na história da Psicologia, pela relevância atribuída às influências sociais e culturais.

Foi com base nos estudos do psicanalista Erik Erikson a respeito do estágio de desenvolvimento na velhice que a presente pesquisa foi desenvolvida e assim, pôde-se compreender um pouco da realidade psicossocial de idosos institucionalizados.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva e exploratória com base na história oral em que, mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas, colheu-se junto a idosos abrigados depoimentos orais a respeito do passado vivido e sua atual realidade no abrigo. De acordo com Alberti (2004, p.26) a História Oral (HO) “pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda, como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”. Assim, sendo o depoimento oral uma modalidade de instrumento da HO, conforme Cavalcanti (2005), o depoimento oral possibilita ao sujeito construir e reconstruir histórias sobre a sua própria vida e sobre a história do contexto social que o cerca.

Participaram desse estudo cinco idosos que residem na Instituição de Longa Permanência Lar da Sagrada Face, na cidade de Lagoa Seca, PB. A média de idade dos participantes é de 72,8 (Setenta e três) anos. Quanto ao grau de escolaridade, apenas um participante possui curso superior, os demais são semianalfabetos; atualmente todos são aposentados com 1 (um) salário mínimo (pré-requisito para ser abrigado na Instituição), não possuem conjugues nem filhos, tendo em vista que dos entrevistados apenas um idoso foi casado. A Instituição de Longa Permanência Lar da Sagrada Face, na cidade de Lagoa Seca, PB atualmente abriga 20 idosos.

A tabela 1 abaixo apresenta a caracterização amostral dos participantes da pesquisa a partir de dados sociodemográficos. Por questões éticas, os nomes das participantes não são evidenciados, sendo estes discriminados por ordem numeral.

Tabela 1

Nome	Idade	Profissão	Escolaridade	Qtd de Filhos	Est.Civil
Fictício					
Participante	70	Cozinheiro/Agricultor	Fund. 1	0	Solteiro

1			Incompleto		
Participante	66	Professor	Superior	0	Solteiro
2					
Participante	83	Serviços Gerais	Fund. 1	0	Solteiro
3			Incompleto		
Participante	72	Agricultor	Fund. 1	6 (Falecidos)	Viúvo
4			Incompleto		
Participante	73	Cozinheiro/Doméstico	Fund. 1	1 (Adotado)	Solteiro
5			Incompleto		
<hr/>					
Média	72,8				

Para a realização da pesquisa teve-se como procedimento para a constituição da amostra uma seleção de idosos realizada com mediação da coordenadora da Instituição. A mesma convidou para participar da entrevista os idosos que atualmente apresentam melhor cognição. A seleção e as entrevistas foram realizadas em um único dia, em um mesmo turno, através da visita dos pesquisadores ao Lar da Sagrada Face, no qual foi apresentado o projeto da pesquisa e realizado o convite para os voluntários que desejassem participar, se assim se enquadrassem nos pré-requisitos estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa cumpriu os princípios éticos, estando de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que destaca os princípios éticos de pesquisas com seres humanos. A pesquisa foi realizada para fins acadêmicos seguindo a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, todos os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e cada participante assinou previamente o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento (TCLE).

O instrumento foi aplicado para cada participante em sala reservada e respondido de forma individual. Não houve tempo delimitado e todos os participantes responderam livremente, tal como desejaram.

Para a análise dos dados, as entrevistas realizadas com cada participante foram transcritas na íntegra, e então, foi utilizado o método da análise do conteúdo de Bardin. Segundo Gomes (1995), a análise de conteúdo é um método que possibilita a resposta para as questões formuladas na pesquisa, favorece a confirmação ou refutação de “hipóteses” existentes, além de elucidar os “conteúdos ocultos” que estão presentes nos “conteúdos

manifestos”. A análise foi desenvolvida em etapas: A primeira delas diz respeito a uma leitura flutuante das informações angariadas no instrumento da pesquisa; posteriormente realizada a leitura crítica, onde pode ser observado o que se repete na fala dos participantes, bem como a terceira leitura que resultou na elaboração da unidade de contexto central, na qual foram feitas as categorias das falas por meio de semelhanças e/ou relação entre elas. Foram organizadas duas categorias: Lembranças de uma vida ativa Envelhecimento e institucionalização, e A vida na instituição. Com as categorias organizadas pôde-se fazer a análise de cada depoimento oral.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pôde-se observar que os participantes apresentam semelhanças em certas trajetórias de vida, embora as experiências subjetivas para cada um sejam singulares. Alguns depoimentos orais dos entrevistados diferem no que diz respeito à estrutura familiar, estabilidade financeira e rotina, ao mesmo tempo em que apresentam pontos semelhantes que vai da fase ativa e independente ao processo de debilitação e institucionalização. Alguns ao falar de sua fase de vida ativa relatam o fato de não terem constituído família, da migração para outro estado, trabalho e retorno à família de origem para conviver e cuidar dos pais. Outros relatam a debilidade de sua própria saúde; falecimento dos filhos e também do cônjuge.

Lembranças de uma vida ativa

A participante 1, nascida na Paraíba mudou-se para o Rio de Janeiro na adolescência. Nesta cidade, dedicou sua vida ao trabalho, nunca casou nem formou família. Em sua fase adulta a mãe adoeceu. Com o adoecimento da mãe, precisou voltar. No mesmo período que teve que cuidar da mãe, submeteu-se a uma cirurgia e, mesmo em seu pós-operatório, continuou cuidando da mãe, até que a mesma veio a óbito. A Participante 1 alega que além das complicações pós-operatórias houveram outras perdas em sua saúde. Nos relatos sobre seus adoecimentos conta que em uma das idas ao médico sofreu um corte na perna e, posteriormente, resultou na amputação da mesma. Deparando-se com a dificuldade de cuidar de si sozinha e com uma limitação física, ela afirma que uma amiga a levou para a Instituição e a prometeu voltar para buscá-la. Ela encontra-se na Instituição há 4 anos.

“(...) minha mãe escreveu pra mim, mandou dizer que estava doente e que eu viesse cuidar dela. aí eu vim cuidar dela. (...) era sete mulheres e dessas sete mulheres ela só escolheu eu pra tomar de conta dela.” (Participante 1).

A participante ao mesmo tempo em que relata que a mãe a escolheu para ajuda-la durante seu adoecimento, mostra expressão de orgulho por tal dedicação. Demonstra

satisfação e integridade por ter abdicado do seu trabalho e seu lar para estar ao lado da mãe que adoecera.

A participante 2, nascida na Paraíba, em sua adolescência mudou-se para São Paulo com uma tia. Posteriormente seus pais e suas irmãs também se mudaram para a mesma cidade. Dedicou sua vida ao trabalho, não formou família e em sua fase adulta seu pai faleceu. Tempo depois sua mãe foi diagnosticada com uma doença que, segundo relatou, os médicos diziam não ter cura. A participante e suas irmãs dedicaram-se aos cuidados e tratamento de sua mãe que mais tarde veio a óbito. Ao aposentar-se, Participante 2, voltou para a Paraíba e sentindo-se muito sozinha tomou a iniciativa de morar na Instituição de Longa Permanência.

“Aí foi tempo que eu fui pra São Paulo, aí fiquei lá, tive que trabalhar. (...)aí lá eu arrumei o serviço, era na copa, fazia café e servia café pra os funcionários. Aí fiquei lá até vim pra cá. Foi tempo que a minha mãe foi pra lá, faleceu né? Faleceu lá.” (Participante 2).

O relato da participante aponta sua vida de trabalho e dedicação ao cuidar da mãe. A mesma orgulha-se do tempo em que tinha uma vida produtiva e que se dedicava ao trabalho e aos cuidados da mãe.

Quanto ao participante 3, nascido na Paraíba, na adolescência perdeu parte de sua família. Quando adulto foi para São Paulo, dedicou-se aos estudos e trabalho. Não formou família. 22 anos depois voltou para morar com a mãe. Tempo depois do falecimento da mesma, em decorrência de diabetes o Participante 3 precisou amputar a perna, ao deparar-se com a dificuldade de cuidar de si mesmo e lidar com suas limitações, ao conversar com parentes decidiu ir morar na Instituição.

“O que eu tenho que falar é que eu sou de família modesta, de família humilde. Meus pais não eram ricos. Classe média baixa. E... perdi meu pai aos 14 anos de idade, uma irmã de dez, uma irmã de sete... e trabalhei no comércio em Campina Grande, lecionei em Osasco, pelo estado. Não tenho muito o que falar não, sabe? Uma vida simples. Vida simples! (...)Morei em Osasco, São Paulo, 22 anos, depois voltei e minha mãe faleceu e eu fiquei sozinho (...)Depois eu tive o problema de diabetes né? Perdi essa perna e fui colocado aqui.” (Participante 3).

Em sua fala, o Participante 3 resume sua vida de trabalho, suas perdas familiares e o motivo pelo qual precisou ir para a Instituição. Durante a entrevista demonstrou sofrer por estar na ILPI e não mostrou conforto ou alegria pela sua trajetória e seu presente.

A Participante 4 durante a entrevista muito relatou sobre o trabalho pesado que exerceu na roça. Nascida na Paraíba casou-se duas vezes, ficou viúva em ambos os

casamentos, teve seis filhos e conforme relatou, todos faleceram. Após o falecimento de sua família constituída foi morar com uma irmã e devido a constantes desentendimentos a Participante 4 decidiu ir para a ILPI.

“Eu morava com uma irmã minha, mas a irmã muito... Com licença da palavra, quer ser demais. Aí vieram arrumar uma vaga pra mim aqui. Até hoje tô aqui...”. (Participante 4).

A entrevistada demonstrou bem estar por não estar mais ao lado da irmã, uma vez que repetiu que sempre havia desentendimentos; bem como, sentir-se bem na instituição.

Como os demais entrevistados, a Participante 5, também apontou em sua fala a importância que o trabalho teve em sua vida. Paraibana, cozinheira, nunca casou, mas adotou uma filha. Conta que foi para a IPLI por acreditar que estando lá irá se aposentar. Atualmente espera que sua documentação fique pronta para que seja concluído o processo da aposentadoria, para que então, possa voltar para sua casa.

“Eu vim pra cá porque eu preciso me aposentar, aí aqui tem a documentação, mas assim que a minha aposentadoria sair, eu vou voltar.” (Participante 5).

A entrevistada demonstrou não acreditar que atualmente encontra-se institucionalizada. Conforme aponta em seu relato, espera o dia de retornar para casa.

A vida na Instituição

A institucionalização é uma realidade vivida por muitos idosos. Néri (2004) diz que a institucionalização contribui para a mortificação do eu, pois na instituição os idosos precisam seguir rotinas e perdem sua liberdade.

Durante as entrevistas foram observados momentos de tristeza pela falta de liberdade, e em outros momentos a falta de expectativa de vida enfrentada pelos idosos, não havendo sonhos ou mesmo esperança no futuro. Ao irem abrigar-se nas instituições é como se não encontrassem outra saída na vida a não ser aceitar a institucionalização. Tal realidade é evidenciada no depoimento oral do Participante 3, que se referindo à vida no abrigo diz: *“...Perguntou o que achava e tal... aí eu disse “tudo bem, fazer o que né? Não há outro meio, vamos nesse mesmo!”*.”

No abrigo os idosos vivem sentimentos ambíguos, por mais que sejam gratos aos funcionários pelo cuidado que lhes é atribuído, carregam consigo o desejo de estar em suas casas, como é possível perceber ainda nas seguintes falas:

“Eu tô gostando, mas nunca é... nunca é como a casa da gente. Nunca, nunca é! Ainda não tô muito bem acostumada. Ainda sinto falta da minha casa.” (Participante 2).

Segundo Anacleto; Souza; Angelis & Pereira (2004) é possível observar que o idoso sofre para lidar com tudo o que é deixado para trás, a partir do processo da institucionalização. Assim, carregam a tristeza e o sentimento de não poder mais contar com ninguém devido à ausência da família e a falta de vínculos.

“Eu gostaria da minha casa, de está em outras condições, né? De está com saúde, de não ter diabetes, de não ter vindo parar aqui. Mas eu não tenho queixa do pessoal, não. O pessoal é muito bom. Trata a gente muito bem” (Participante 3).

Mesmo diante do desejo de não estarem institucionalizados, os idosos acabam sentindo gratidão por haver cuidado para com eles, advindo daqueles que se dispõem a cuidar, como apontam os entrevistados abaixo:

“...Agora aqui tem comida, tem café, tem janta, tem almoço, tem lanche, tem roupa lavada, tem tudo. Mas a gente não pode ir pra missa, pra o terço, pra uma coisa... eu tenho que ficar dentro de casa... E no tempo que eu não vivia aqui, eu vivia andando, só andando nas casas ricas, tinha tudo, arrumando as coisas né? Eu vou ficar aqui até eu resolver meus negócio. Quando eu resolver meus negócio, ó... vou ‘mimbora.” (Participante 5).

“...Gosto de viver. Tudo é bom. Tudim é bom. As enfermeiras. Tudo é bom!” (Participante 4).

Assim, segundo Dezan (2015) os cuidados que são oferecidos aos idosos na instituição são vistos como um fator positivo pelos institucionalizados, e mais tarde tais cuidados passam a ser utilizados no discurso dos idosos para a valorização da instituição.

CONSIDERAÇÕES

É nesse misto de sentimentos que os idosos precisam conviver dia após dia em uma realidade que é tida como a “única alternativa para o momento”, por assim dizer. Dessa forma cabe aos idosos elaborar subjetivamente suas histórias de vida, integrando suas vivências atuais, buscando no presente ressignificar suas trajetórias e encontrar formas de se satisfazerem no âmbito institucional.

Encontrar essa ressignificação e aceitar o presente não é simples porque o envelhecer pode envolver sensações de desespero. E além disso, quando idosos vão para a instituição, muitos passam pelo processo de perda de sua identidade, rompendo com vínculos e vivências de toda uma vida. Por isso, os idosos, embora demonstrem gratidão aos funcionários, desejam retornar às suas famílias, lamentam a falta de independência e sempre fazem o relato de suas vidas demarcando a época de vida ativa com o momento da debilidade e institucionalização.

Ao evocar as lembranças passadas, os idosos apresentam sentimento de Integridade do Ego quando expressam com orgulho tudo o que produziram ao longo das suas trajetórias. Em seus relatos, é possível compreender a valorização que é dada ao momento da vida em que conseguiam trabalhar, tinham saúde, independência e mantinham os elos familiares. Expressam o prazer ter em cuidado dos seus pais no adoecimento dos mesmos, mas apresentam tristeza quando se deparam com sua atual realidade. Embora sejam gratos pelos cuidados que recebem na Instituição, apresentam sentimento de Desesperança ao viverem sob regras, longe de suas raízes, sem sentimentos de pertença e sendo atendidos apenas pelas necessidades básicas.

Diante do exposto, a presente pesquisa permite a compreensão de que há Integridade do Ego nos idosos no que diz respeito às suas histórias passadas, mas tal Integridade destoa com a realidade presente, bem como com a perspectiva do futuro. Assim, na realidade de institucionalizados há a prevalência da Desesperança, uma vez que convivem com o sentimento de vazio dado à falta da autonomia, da família, de seus lares e ainda viverem regradados e supridos apenas pelas necessidades básicas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANACLETO, Maria Imaculada de Carvalho et al . A mortificação do eu: vivências psicológicas de idosos institucionalizados. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto , v. 5, n. 5, p. 50-55, dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16779702004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2018.

BRANDAO, Vanessa Cardoso; ZATT, Gisele Beatriz. Percepção de idosos, moradores de uma instituição de longa permanência de um município do interior do Rio Grande do Sul,

sobre qualidade de vida. *Aletheia*, Canoas , n. 46, p. 90-102, abr. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942015000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 abril. 2018.

CAVALCANTI, D. R. M. Pescadores-trabalhadores da baleia em Costinha-PB. In: V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades, 2005, São Luís - MA. *Anais do V Encontro de História Oral do Nordeste: Memória, patrimônio, identidades*, São Luís, 2005. p.1-10.

DEZAN, Stéfani Zanovello. O Envelhecimento na Contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. *Rev. Psicol. UNESP*, Assis, v.14, n.2, p.28-42, jul. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198490442015000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 maio 2018.

FURLAN, Vinicius; ALVAREZ, Maria Dolores. (Im)Possibilidades no trabalho com grupos de idosos em Instituições de Longa Permanência: uma experiência em Psicologia. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 11, n. 2, p. 453-463, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-9082016000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2018.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p.67-80.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Online] 10 de setembro de 2017. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>.

MARTINS, Edna. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. *Estudos. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 215-236, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 maio. 2018.

PAPALIA, DIANE. E; FELDMAN. *Desenvolvimento humano*. 12. Ed.—Porto Alegre: AMGH, 2013.

SHULTZ, DUANE P; SHULTZ, S. E. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Cengage learning, 2008.

SOUZA, Rosa Cristina Ferreira de; INACIO, Amábille das Neves. Entre os muros do abrigo: compreensões do processo de institucionalização em idosos abrigados. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 12, n. 1, p. 209-223, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo,.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 maio. 2018.